MEDIAÇÃO E MIDIATIZAÇÃO: CARTOGRAMA COMPARATIVO DAS ARMAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS[1]

GT9: Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación

Vilso Junior Santi[2]

Resumo

O trabalho avalia os construtos teóricos das Mediações e da Midiatização, mira os seus modelos conceituais e questiona em que medida os seus postulados ainda têm validade para o estudo do comunicacional. Pergunta o que há de particular nessas armações, qual seu grau de similitude/disparidade e quais suas contribuições à problematização do comunicativo. Faz uma análise exploratória desses pressupostos, historiciza-os no entorno de três eixos temáticos – comunicação, cultura e tecnologia – e, através de uma aproximação comparativa, reaprecia esses postulados. Neste trajeto deixa evidente que é a própria forma de encarar tecnologia, cultura e comunicação o que há de mais peculiar nas armações; que elas re-centram o debate do comunicativo; e, que em seus construtos há mais conexões do que se pode presumir a priori.

Palavras-chave: Mediações. Midiatização. Teoria da Comunicação.

---

[1] Trabalho apresentado ao GT 9- Teoría y Metodología de la Investigación en Comunicación do XII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC) – Lima: 6, 7 y 8 de agosto 2014.

[2] Professor Doutor do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo na Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil, vjrsanti@gmail.com

Introdução

Nosso trabalho, aos moldes de Feyerabend (1993, p. 11), tenta “sustentar uma tese” e dela extrair suas consequências – “formar seu destino” (SILVA, 2010, p. 22). Nele, Mediações (MED) e Midiatização (MID), dois corpos teóricos desenvolvidos no século de inserção definitiva dos sistemas midiáticos na vida cotidiana – o século XX – são tomados como construtos, como armações, como formas de conhecimento, como modalidades distintas de análise do comunicacional.[3]

A pesquisa, no âmbito do pensamento comunicacional, visa a analisar tais construtos. Pretende aclarar seus modelos conceituais, suas conexões/desconexões e suas implicações nas discussões acerca do comunicativo. O trabalho não almeja, portanto, descobrir novos tipos de fenômenos e/ou inventar uma nova teoria, mas contribuir para o melhor acabamento (teórico-metodológico) de duas armações utilizadas no estudo dos fenômenos comunicacionais – auxiliar na sua clarificação, na eliminação de suas zonas de sombra.

As perguntas norteadoras da presente pesquisa são as que seguem: o que há de particular nos construtos MED/MID? Qual é o grau de similitude/diversidade entre seus modelos conceituais? Qual a medida das dissonâncias/convergências, conexões/desconexões entre suas armações? E, quais suas contribuições efetivas para a análise do comunicacional?

O contexto justificador da presente proposição é composto, por sua vez, pelos seguintes elementos: está relacionado ao questionamento cada vez mais intenso

[3] MED e MID (recurso gráfico de síntese) são utilizados ao longo do relato para identificar respectivamente os corpos teóricos das Mediações e da Midiatização.

das coleções organizativas dos sistemas tradicionais de inquérito (da sua lógica de desenvolvimento e da insuficiência de suas matrizes) e à impressão de crise nos modelos explicativos que esse tensionamento provoca. A defasagem (epistemológica) recorrente entre o estudo/teorização dos processos comunicacionais e os processos/práticas de comunicação propriamente ditos; as concepções fragmentárias e instrumentais que ainda contaminam os modelos analíticos do comunicacional; e a incompletude das molduras teórico-metodológicas movimentadas para o seu estudo também atestam a pertinência da presente proposta.

Buscando aclarar tais dúvidas ou questionamentos, escolhemos para integrar o *corpus* de análise de nossa pesquisa escritos/autores que são considerados expoentes teóricos desses estudos no Brasil. Esta observação não significa, porém, que atribuímos a eles a exclusividade da discussão, mas que, no contexto deste trabalho, foram fundamentalmente suas formulações/reflexões que suscitaram e sustentam a abordagem. Desses autores tomamos textos referenciais registrados em declarações escritas – artigos, ensaios, coletâneas, livros etc.

No que se refere às Mediações, o texto fundador de Jesús Martín-Barbero, *De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía*, publicado originalmente em 1987 e aqui utilizado em sua versão brasileira de 2009,[4] funcionou como ponto de partida. Suportaram ainda a análise do referido construto os escritos de Maldonado (1999)[5], de Escosteguy (2001)[6] e de Lopes; Boreli &

[4] Martín Barbero, J. (2009). *Dos meios às mediações – Comunicação, cultura e hegemonia.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ. Versão em inglês publicada em 1993 pela Sage Publications de Londres, e versão em francês publicada em 2002 pela CNRS Éditions de Paris.
[5] Maldonado, A. E. (1999). *Pesquisa teórica em comunicação na América Latina – estudo de três casos relevantes: Verón, Mattelart e Martín-Barbero.* São Paulo: ECA-USP.
[6] Escosteguy, A. C. D. (2001). *Cartografia dos estudos culturais: uma versão latino-americana.* Belo Horizonte: Autêntica.

Resende (2002)[7], que manejam com a produção barberiana até o final da década de 1990. E também os principais textos do próprio Martín-Barbero que tematizam as Mediações na última década.

Já, no construto da Midiatização, deram suporte à análise, além do texto primeiro *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*, publicado em 2002 por Muniz Sodré de Araújo Cabral[8], as obras coletivas organizadas por Fausto Neto *et al*. em 2008[9] e 2010[10]. E, mais alguns dos desenvolvimentos principais acerca da temática divulgados ao longo dos anos 2000.

Para criar as condições ideais a essas interlocuções, tentamos aqui não repetir fórmulas, nem simplesmente aplicá-las/reaplicá-las como aprendizes de feiticeiro. Ao contrário, nosso método de trabalho e seus preceitos (sua linha filosófica, suas estratégias de coleta e forma de análise das evidências) têm a ver antes com certo tipo de experimentação teórico-metodológica, a qual nos ajudou a problematizar os construtos teóricos da MED/MID através dos subsídios fornecidos pelas próprias armações. Metodologia aqui, portanto, diz respeito a um caminho percorrido na busca das respostas.

Tal itinerário, junto com sua matriz de averiguação, foi semeado sobre o solo exposto por uma prévia análise exploratória, emergiu por entre as brechas da historicização e acerca dos eixos temáticos que propomos, e ganhou corpo com a aproximação comparativa entre os construtos da Mediação e da Midiatização que realizamos.

---

[7] Lopes, M. I. V. de; Boreli, S. H. S. & Resende, V. da R. (2002). *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade.* São Paulo: Summus.
[8] Muniz Sodré A. C. (2002). *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.* Petrópolis: Vozes.
[9] Fausto Neto, A. *et al*. (2008). *Midiatização e processos sociais na América Latina.* São Paulo: Paulus.
[10] Fausto Neto, A. *et al*. (2010). *Midiatização e processos sociais: aspectos metodológicos.* Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

A análise exploratória esteve relacionada a um esforço primeiro de acesso e catalogação dos estudos que no Brasil têm as discussões MED/MID como problemática central. A historicização serviu para recuperar retrospectivamente as matrizes teórico-metodológicas que formam as Mediações e a Midiatização e para emprestar estrutura aos seus construtos; para torná-los visíveis e, assim, mais sugestivos. Foi ela também (a historicização) que nos ajudou a identificar os eixos temáticos que propomos para o detalhamento das discussões (comunicação, cultura e tecnologia).

Em nossa cruzada realizamos ainda a aproximação comparativa entre as armações teórico-metodológicas MED/MID. Nesta etapa trabalhamos no desenho de um paralelo teórico, no esboço de um mapa relacional entre os modelos conceituais dos construtos pareados. Este fazer, em contraponto à etapa da historicização, teve caráter mais analítico e buscou, via comparação, realizar uma leitura transversal das concepções acerca das Mediações e da Midiatização. Implicou, portanto, re-apreciar (impingir um novo apreço) os construtos manejados e reapresentar (apresentar de novo) a matriz lógica de sua construção conceitual em um novo mapa.

Portanto, a promessa desse empreendimento (se assim podemos qualificá-la) é ler em outra chave os debates acerca das Mediações e da Midiatização e, desta forma, emprestar maior nitidez à faixa de conhecimento apreensível pelo que neles há do comunicacional – jogar mais luz àquilo que foi feito, àquilo que estamos fazendo e àquilo que ainda precisamos fazer na problematização do comunicativo em nosso campo de estudos.

Mapa Comparativo das Armações

Na aproximação comparativa entre as armações teórico-metodológicas das Mediações e da Midiatização trabalhamos no desenho de um paralelo teórico (no traçado de um mapa relacional) entre os modelos conceituais dos construtos pareados. Optamos por esse trajeto por acreditar que a comparação entre construtos teóricos como estes (distintos, mas aproximáveis) é um caminho viável à sinalização de outras possibilidades de desvendamento, tão caras aos debates acerca do comunicacional; e, também, por crer que a aproximação comparativa entre formas de conhecimento deste quilate pode auxiliar no desenvolvimento de um sistema de pensamento que melhor dê conta do estudo integral do comunicativo.

Apresentamos a partir de então uma das possibilidades de aproximação entre os modelos conceituais das armações das Mediações e da Midiatização. Tal aproximação tem como lastro o resultado dos debates acerca dos eixos comunicação, cultura e tecnologia e objetiva exibir de uma nova maneira a matriz lógica das construções conceituais desses construtos; exibir um novo mapa que, reconstruindo suas narrativas, deixa ver o que delas sobra para o estudo do comunicacional (Ver Tabela 1 – *Síntese do mapa comparativo das armações*).

Tabela 1 – Síntese do mapa comparativo das armações

	Teoria das Mediações	Teoria da Midiatização
Comunicação	Pode ser tomada em seu funcionamento e partir das práticas sociais. É o conceito de práticas (cotidianas) quem vai permitir a aproximação concreta da cultura com a comunicação (e vice-versa). Acaba por inscrever o comunicativo (e o tecnológico) no interior da cultura. A partir daí podemos falar em práticas de comunicação, em práticas culturais cotidianas de comunicação e, além disso, tomá-las enquanto objeto de análise no comunicacional. A comunicação aí não se põe mais sozinha é, ao mesmo tempo, um processo social e um campo de batalha cultural. É uma questão de cultura. Ela (para além do midiático) se dá na cultura e é tomada a partir das práticas culturais. A comunicação assume uma perspectiva de compartilhamento, não mais de transmissão. Passa a ser localizada no âmbito do contexto sociocultural e só pode ser estudada em diálogo com processos sociais mais amplos.	Toma o fenômeno da comunicação enquanto práxis sociotécnica. Aposta na problematização da comunicação a partir do processo; a partir das processualidades; a partir do imperativo negocial da comunicação. Comunicação como espaço contraditório; como espaço estratégico de contestação. Maneja com o comunicativo a partir dos processos – a partir das processualidades. Patrocina o deslocamento das observações acerca do comunicacional, da noção originária de campo para o lugar das processualidades – para as instâncias que põem o comunicativo em ato. As mídias deixam de ser campo e passam a ser tomadas como dispositivos de afetação. O foco não mais são os meios, mas o novo bios, o novo ecossistema comunicativo a partir daí configurado.
Cultura	Tomada enquanto realidade essencial para compreender os processos de comunicação. Assumida como chave fundamental, como categoria central, no tratamento do comunicativo. Espaço cultural fixado como o eixo desde o qual se pode vislumbrar dimensões inéditas do comunicacional. Cultura tomada como uma rede vivida de práticas e relações constituintes do cotidiano. Assume a característica de espaço de negociação, conflito, inovação e resistência. O conceito de cultura é alargado e passa a abarcar desde as práticas e sentidos do cotidiano. Cultura é uma questão de comunicação. Ela se dá na comunicação. É condição de existência constitutiva do social e assume, nele, a centralidade.	Toma a cultura midiática (a cultura que passa pelas mídias) como centro organizador das discussões. Trabalha com uma definição mais tecnológica e midiática de cultura. Cultura tem relação com os fluxos, com os processos, patrocinados pelas tecnologias comunicacionais e seus desenvolvimentos. Em uma midiatização de primeira ordem a cultura é confundida com simples lugar de incorporação de valores. Em uma segunda ordem de Midiatização são as discussões acerca da cultura da mídia que marcam os debates – não existem motivos para o estudo em separado da cultura e da mídia. Em uma terceira fase da Midiatização, são os debates da cultura da convergência que marcam as discussões – a nova modulação da cultura aí se liga à chamada revolução da mídia participativa Trata da ambiência tecnomidiática instituída pelo imbricamento do midiático no cultural e do cultural no midiático.

		Trata da tecnocultura – processo de impregnação da ordem social pelos dispositivos midiáticos. A cultura não some no construto da Midiatização, ela é midiatizada.
Tecnologia	Tomada enquanto realidade essencial para compreender os processos de comunicação. Implica romper com certo positivismo tecnologista – que reduz a comunicação a um problema de meios. Tecnologias atuam como reorganizadores da experiência social, em um processo de distinção e reordenamento do horizonte cultural. Está vinculada à discussão das técnicas, à discussão das tecnicidades enquanto tipos particulares de Mediação. Falar de tecnologia é falar da não contemporaneidade entre tecnologias e seus modos de uso; é falar no sentido político e ético das transformações que a técnica medeia; é falar da transformação da razão instrumental em razão comunicacional. A tecnologia perde seu pretenso caráter de técnica neutra e se converte em campo de criatividade – em campo de luta.	É acessada por meio de uma análise tecnológica da comunicação ou análise comunicacional da tecnologia. Acaba por inscrever de uma forma muito particular a tecnologia no midiático e o midiático na comunicação. O tecnológico, e o seu automatismo, passam a construir parte importante do próprio fundamento ideológico do processo midiatizador. A primeira ordem da Midiatização trata o tecnológico através do foco no espraiamento da lógica midiática para outros campos. Na segunda e na terceira ordens da Midiatização assume a dianteira os debates a nova ordem sociotécnica implementada. As tecnologias midiáticas deixam de ser instrumentos mediadores e passam a constituir uma nova ambiência. A tecnologia se coloca como condição primordial, que ajuda a decidir o modo de fazer a experiência. Converte as tecnologias midiáticas em meios de interação social e as promove de mecanismos a plataformas. Entende a tecnologia como fator modificador não só dos procedimentos, mas também dos ambientes sociais. A tecnologia não apenas ajuda a alterar as formas de fazer, mas modifica também as formas de pensar e perceber.

Considerações finais

Nesta reconstrução é fácil perceber que a proposta central da armação das Mediações é analisar com a devida atenção os movimentos e transformações da dinâmica cultural – em sua relação com o comunicativo e com o tecnológico. Isto implica remapear o cultural, o comunicativo e o tecnológico, através das práticas cotidianas, dos seus produtos ordinários e das suas novas configurações.

A armação das Mediações acaba por inscrever o comunicativo (e o tecnológico) no interior da cultura. Um marco que permite compreender os distintos modos de apropriação cultural, junto com os diferentes usos sociais da comunicação e da tecnologia. Essa perspectiva concretiza as Mediações enquanto linha de investigação integradora e amplificadora das discussões da comunicação, já que o comunicativo aí só se faz nas Mediações.

Nestas formulações a cultura e a tecnologia são tomadas enquanto realidades, essenciais para compreender os processos de comunicação. O comunicacional e o tecnológico aí são deslocados para o contexto cultural, com as Mediações trabalhando em conjunto com os dispositivos de produção e seus rituais de consumo, seus aparatos tecnológicos, seus códigos de montagem, de percepção e de reconhecimento.

Por sua vez, no cercamento da armação da Midiatização, verificamos que aí (na Midiatização) os próprios objetos (midiáticos) se instalam e emergem dinamicamente, trilhando vias particulares de inscrição no comunicativo. Isso se reflete nas distintas formas pelas quais as práticas sociais se midiatizam ao longo do tempo e permite perceber que estas modulações não são homogêneas – dados os desiguais universos materiais e imateriais em que elas se enredam (no construto é necessário admitir a existência de diferentes ordenamentos do fenômeno midiatizador).

No entanto, podemos afirmar que nos estudos patrocinados pela Midiatização há também uma dimensão que enriquece particularmente os debates acerca do comunicativo: os temas elencados por suas discussões geralmente envolvem questões contemporâneas e imediatas; lançam mão de instrumentos analíticos

inovadores; e, assim como na armação das Mediações, provocam mutações nas análises em decorrência dos tensionamentos que provocam.

O tema da Midiatização é um objeto contemporâneo e, por isso, ao mesmo tempo em que é fácil encontrar produções que buscam pensar o seu funcionamento, não é difícil encontrar também produções que o fazem apressadamente. De modo geral, porém, estas referências à armação da Midiatização estão sintonizadas com a fase de transição da chamada sociedade dos meios para a sociedade da Hipermidiatização; com a instalação progressiva e intensa da chamada "nova ambiência"; com a inauguração da nova "ordem biomidiática"; ou ainda com o processo de instalação da alardeada "vida a distância".

Esta transição (a passagem de um tipo de sociedade a outro) patrocina o deslocamento das observações acerca do comunicacional, na Midiatização, da noção originária de campo para o lugar das processualidades – para as instâncias que põem o comunicativo em ato. A partir daí, e em paralelo à convergência tecnológica, as práticas midiático-comunicacionais passam a chamar a atenção para a emergência de novos cenários e para as transformações que patrocinam nos protocolos de interação social.

Na Midiatização, o midiático é convertido em força motriz, conforme novos e complexos regimes que dinamizam as práticas sociais, e, com isso, ele produz alterações nas formas de expressão e funcionamento das interações e inaugura novos regimes de estruturação dos vínculos.

Com a Midiatização, as mídias deixam de ser campo e passam a ser tomadas como dispositivos de afetação através do deslocamento de suas lógicas que agora passam a permear (e a transformar) a própria natureza da sociedade. Tais alterações acabam por inaugurar uma nova ordem comunicacional, cujo foco não

são mais os meios no interior de regimes de mediação, mas o *"novo bios"*, o novo ecossistema a partir daí configurado.

No entanto, convém lembrar que a expressão Midiatização, junto com sua armação, aparece associada a uma enorme diversidade de fenômenos. Em boa parte das reflexões o termo Midiatização é identificado como uma expressão frequentemente utilizada, mas que não possui um sentido explícito. Nas discussões, até determinado momento, Midiatização se refere genericamente a qualquer questão relacionada à mídia, ou com o impacto social das tecnologias do midiático. Contudo, como podemos perceber, esse entendimento varia e, na verdade, uma interpretação coerente relacionada à ideia que a Midiatização patrocina encontra-se ausente dos escritos.

O que tem de ficar claro, assim, é que tanto as Mediações quanto a Midiatização ainda correspondem a dinâmicas muito amplas, produzidas por processos complexos que incidem fortemente sobre a reorganização do funcionamento da sociedade. Em certa medida essa imprecisão dos contornos das armações aqui manejadas parece se espelhar na fluidez e na maleabilidade do próprio debate acerca da comunicação, da cultura e da tecnologia que ambos os construtos patrocinam.

No construto das Mediações a comunicação pode ser tomada em seu funcionamento. Nela é o conceito de práticas cotidianas quem vai permitir a aproximação concreta da cultura com a comunicação (e vice-versa). A partir de tais postulados podemos falar em práticas de comunicação, em práticas culturais cotidianas de comunicação e, além disso, tomá-las enquanto objeto de análise no comunicacional. A comunicação aí não se põe mais sozinha, mas é tomada (e compreendida) sempre em associação com um contexto mais amplo, no qual suas práticas (as práticas de comunicação) são assumidas em consonância com as

condições com as quais elas se estabelecem. Comunicação é assim, ao mesmo tempo, um processo social e um campo de batalha cultural.

A comunicação é, portanto, no construto das Mediações uma questão de cultura. Ela (para além do midiático) se dá na cultura e é tomada a partir das práticas culturais. A armação das Mediações, nessa lógica, articula os processos de comunicação às diferentes dinâmicas que estruturam a cultura na sociedade e toma o comunicacional como um lugar estratégico desde o qual se pode pensar o social. Nas Mediações a comunicação assume uma perspectiva de compartilhamento, não mais de transmissão.

Este conjunto de postulados nos obriga a abandonar em definitivo a ideia de comunicação unicamente como fenômeno dos meios e, ao mesmo tempo, impinge tomar o comunicacional através dos seus modos ou formas de proceder (de comunicar) – obriga a problematizar nos estudos os modos cotidianos de comunicar. Nas Mediações a problemática da comunicação passa a ser localizada no âmbito do contexto sociocultural e só pode ser tomada (e estudada) em diálogo com processos sociais mais amplos – processos estes que antes lhe pareciam externos ou exteriores.

Na armação da Midiatização, comunicação também não se refere apenas a um fenômeno estático (típico de definições tradicionais). No construto o ideário da comunicação ganha vida e progressivamente vai se distanciando das concepções lineares (mesmo que estas tenham sido originalmente vinculadas à ideia de Midiatização). Estes ganhos, como bem sabemos, têm relação com a tomada (a partir da segunda ordem da Midiatização) do fenômeno da comunicação enquanto práxis sociotécnica.

A partir desse momento, na Midiatização, o comunicacional passa a ser relacionado a um conjunto particular de objetos (os objetos midiáticos) e é particularmente fixado em um tipo especial de produto (nos produtos da mídia). Isso não significa, porém, que as discussões acerca da comunicação na armação da Midiatização sejam reduzidas apenas ao midiático. No construto, de fato, a comunicação pode ser tomada como um ato singular, mas, ao mesmo tempo, como um ato social que leva em conta a existência do outro, ou seja, da dimensão do *socius.* Em lugar do controle, a comunicação (na Midiatização) se desdobra em feixes de relações, com intervalos e defasagens que lhe são próprios.

A aposta patrocinada pela Midiatização para a problematização da comunicação é então seguir os passos do processo. Prestar atenção às processualidades é, portanto, prestar atenção ao imperativo negocial da comunicação. Pois, as processualidades, em suas negociações, tratam de um processo comunicativo em andamento e nunca acabado. São elas, portanto, que na Midiatização permitem tomar a comunicação como um espaço contraditório, um espaço estratégico de contestação.

Diferente do construto das Mediações, que toma a comunicação a partir das práticas, a armação da Midiatização maneja com o comunicativo a partir dos processos – a partir das processualidades. Nela a comunicação passa a dizer respeito à ação, ao processo de tornar comum tudo aquilo que não deve permanecer isolado.

A cultura, por sua vez, é assumida na armação das Mediações como chave fundamental, como categoria central no tratamento do comunicativo. O espaço cultural é fixado como o eixo desde o qual se pode vislumbrar dimensões inéditas do comunicacional. No construto das Mediações a cultura é tomada como uma rede vivida de práticas e relações constituintes do cotidiano. Ela assume a

característica de espaço de negociação, conflito, inovação e resistência; de processo integral pelo qual os significados (e suas definições) são socialmente construídos e historicamente transformados.

No construto das Mediações o conceito de cultura é alargado e passa a abarcar desde as práticas e sentidos do cotidiano (antes afastados do escopo cultural) até aquelas expressões culturais mais heterogêneas e diversas, as quais agora podem ser vistas e revistas em relação com o seu contexto social e institucional. Na armação das Mediações a cultura é, portanto, uma questão de comunicação. Ela se dá na comunicação. O desafio de sua problematização é, pois, reconhecer a complexidade cultural da comunicação.

Esta compreensão supõe a desconstrução de um conceito monolítico de cultura para desvelar os seus entrecruzamentos com o comunicativo (e com o tecnológico); e suas mudanças de sentido. Este olhar pretende abarcar o ponto de vista da cultura, junto com o seu processo histórico. Cultura, na via de problematização aberta pelas Mediações, torna-se uma condição de existência constitutiva do social e assume, nele, a centralidade.

O acento no debate nessa linha de investigação permite encarar a cultura como um modo de vida (característico e distintivo). Ela passa a incluir os mapas de sentido que fazem as coisas do comunicativo inteligíveis e diz respeito às formas de modelação, experienciação e interpretação das relações sociais.

Por sua vez, a concepção de cultura patrocinada pela Midiatização toma a cultura midiática (que passa pelas mídias) como centro organizador das discussões. A Midiatização trabalha com uma definição mais tecnológica de cultura. Cultura nesse contexto tem relação com os fluxos, com os processos, patrocinados pelas tecnologias comunicacionais e seus desenvolvimentos. A Midiatização, porém,

não abandona a dimensão de modo de vida global da cultura, mas trata com maior atenção de uma modulação particular desse modo de vida – aquela que tem nas tecnologias da mídia o seu centro.

Esta linha de problematização trabalha em uma definição mais midiática de cultura, o que não significa que ela a tome só como algo fabricado pelas mídias, mas também como aquilo que passa por elas. Esta apropriação permite reconhecer, por exemplo, que em uma Midiatização de primeira ordem a cultura se engaja mais na reprodução do que na produção das relações sociais. Nesse ordenamento a cultura é ainda confundida com simples lugar de incorporação de valores e está, por vezes, mais associada aos objetos do que àquilo que as pessoas e os seus grupos fazem com os objetos.

É inegável, portanto, que nos demais ordenamentos do processo midiatizador a discussão de cultura se complexifica. Em uma segunda ordem da Midiatização são as discussões acerca da cultura da mídia que marcam os debates. Tal modulação cultural toma a dianteira das relações sociais e praticamente inviabiliza o estudo da cultura sem relacioná-la às mídias e seus inúmeros formatos. Seus postulados se baseiam na máxima de que não existem mais motivos para o estudo em separado da cultura e da mídia.

Já, em uma terceira fase da Midiatização, são os debates marcados pelo ideário da cultura da convergência que marcam as discussões. Tal modulação procura dar conta do cultural midiatizado que se relaciona com o advento das chamadas novas tecnologias de comunicação e com o processo de digitalização. Esse debate se vincula de maneira estreita com tais processos e com os câmbios que inegavelmente transformam a cultura no mundo contemporâneo.

O debate cultural nesta ordem da Midiatização trata, portanto, da ambiência tecnomidiática instituída justamente pelo imbricamento do midiático no cultural e do cultural no midiático. Nesse contexto as discussões podem ser agrupadas no entorno daquilo que Muniz Sodré (1998, p. 09-12) chama “tecnocultura”. Tecnocultura, nessa mirada, dá conta do processo de impregnação da ordem social pelos dispositivos midiáticos e não deixa de apontar para certa reinvenção do cultural patrocinado por esta imbricação.

É notório, portanto, que as expressões simbólicas da cultura são modificadas pelos protocolos desta armação. Isso porque os processos de afetação do tecnológico-midiático para com o cultural nela são inegáveis. Em outras palavras: a cultura não some no construto da Midiatização, ela é midiatizada – processo que reforça e expande o âmbito da tecnocultura.

Assim, o trato do cultural nas Mediações e nas distintas ordens da Midiatização deixa claro que a cultura nestas armações precisa continuar a ser pensada em suas relações e que as modulações manejadas para a problematização do cultural nelas também precisam ser pensadas relacionalmente. Nesse sentido, em ambos os construtos, falar de cultura é ainda falar de uma cultura de transição, de uma cultura de ajustamento.

A tecnologia, por sua vez, assume no construto das Mediações o caráter de problema-objeto na discussão do comunicativo. Pensar, porém, a tecnologia nessa armação implica antes romper com certo positivismo tecnologista – que reduz a comunicação a um problema de meios. As tecnologias nesse contexto atuam como reorganizadores da experiência social, em um processo de distinção e reordenamento do horizonte cultural.

Neste construto nenhuma força intrínseca à tecnologia é tomada como absoluta, mas sim como um processo que liberta uma energia social que sobrevém na articulação daquilo que o comunicacional permite acessar. A tecnologia é, desse modo, questão de comunicação e de cultura, pois acontece em ambas e se transforma no processo social.

A discussão da tecnologia na armação das Mediações está vinculada à discussão das técnicas, à discussão das tecnicidades enquanto tipos particulares de Mediação. Falar de tecnologia nas Mediações, portanto, não é falar de tecnicismo ou à moda tecnicista. Nela o tecnológico só pode ser problematizado se tomado como mais um dos tantos conjuntos de dispositivos desenvolvidos e colocados a serviço da humanidade a fim de facilitar sua existência.

Esse entendimento implica, para o caso da armação das Mediações, o tratamento das tecnologias midiáticas (por exemplo) sem esquecer que a técnica embutida nelas não se restringe apenas ao que é próprio das mídias; sem esquecer também que nem o comunicacional se resume ao que passa nos dispositivos tecnomidiáticos e nem pode ser resumido a eles.

Dessa forma, falar de tecnologia no construto das Mediações é falar da não contemporaneidade entre tecnologias de comunicação e seus modos de uso; é falar tanto no sentido político quanto ético das transformações que a técnica medeia; é falar da transformação da razão instrumental em razão comunicacional.

Portanto, nas Mediações as tecnologias não podem ser inocentadas. Seu domínio se converte antes em um terreno de luta permanente. Nela a tecnologia perde seu pretenso caráter de técnica neutra e se converte em campo de criatividade – em campo de luta. Assim é importante lembrar que, conforme os preceitos do construto das Mediações, não se pode confundir a comunicação com as técnicas,

nem o tipo de mediação tecnicidade com a totalidade das Mediações. Isto resulta tão deformador quanto supor que as técnicas são exteriores e acessórias à (verdade da) comunicação.

Já, nos debates da armação da Midiatização, a tecnologia é acessada por meio de uma análise tecnológica da comunicação ou análise comunicacional da tecnologia. Essa linha de discussão acaba por inscrever de uma forma muito particular a tecnologia no midiático e o midiático na comunicação. Na Midiatização, a aliança entre comunicação, mídia e tecnologia não é nova, pois o mundo das máquinas há tempos é referência para a comunicação, em especial a comunicação que passa pelas mídias. É novo, porém, o *status* que o tecnológico e o seu automatismo assumem com a Midiatização – eles passam a construir parte importante do próprio fundamento ideológico do processo midiatizador.

Nesse caminho, a primeira ordem da Midiatização trata o tecnológico através do foco no espraiamento da lógica midiática para outros campos e da perda de sua especificidade. A partir de então, o midiático passa a integrar todos os outros campos ou estratos do sistema social. Estas discussões transmutam-se depois em debates acerca da nova ordem sociotécnica, suas formas de regulação e modos de viver – passa por elas, desse modo, a discussão do avanço dos dispositivos tecnológicos para o âmbito das convergências digitais.

Desse modo, na Midiatização, a intensificação das tecnologias voltadas para processos de conexões e de fluxos transforma o estatuto das mídias, fazendo com que elas deixem de ser apenas instrumentos mediadores e passem a constituir também uma nova ambiência. Nessa nova ambiência a tecnologia se coloca como condição primordial, que ajuda a decidir o modo de fazer a experiência.

Na discussão da tecnologia patrocinada pela armação da Midiatização os objetos tecnoinformacionais dizem respeito a uma forma particular de racionalidade produtora de sentido – a racionalidade da técnica – e também funcionam como esfera tecnossimbólica que envolve e desenvolve os sujeitos. Atentar, assim, ao papel desempenhado por esses imbricamentos no processo de Midiatização permite entender a tecnologia como fator modificador não só dos procedimentos, mas também dos ambientes sociais. Tecnologia, nessa armação, potencializa novas formas de atuação prática, que se apresentam na ordem social dando margem para o surgimento de outra forma de organização sociotécnica.

Na Midiatização a tecnologia não apenas ajuda a alterar as formas de fazer, mas modifica também as formas de pensar e perceber – e por isso também incide sobre o comunicacional e o cultural. Dessa forma, para além de dispositivos, as tecnologias na Midiatização são convertidas em meio de interação social capazes de produzir o seu próprio discurso sobre o mundo; em meios técnicos geradores de hábitos. A Midiatização se articula, assim, às tecnologias tanto ao descrever suas características quanto ao desentranhar seus significados.

No entanto, como procuramos demonstrar na iluminação do tecnológico nas armações das Mediações e da Midiatização, uma coisa é assimilar os instrumentos técnicos, reconhecer a sua importância e posicioná-los no debate do comunicativo; outra bem diferente é recompor o seu sistema de valores e os níveis de afetação do seu sistema de valores para com o comunicacional. Acreditamos, pois, que é nessa segunda linha de investigação que ambos os construtos podem ainda melhor contribuir.

Dessa forma, o balanço final do quadro comparativo que aqui procuramos desenhar indica que, na teoria das Mediações, aquilo que empresta força ao debate comunicacional encontra-se na cultura. Já na teoria da Midiatização aquilo

que empresta força ao debate cultural (a tecnocultura) encontra-se na comunicação (no midiático da comunicação). Esta é, portanto, uma chave de análise concreta que aponta para o fato de que na Midiatização ocorre quase que uma inversão do ponto de partida das análises (se comparada às Mediações). Essa inversão, mesmo que contraditória, nos parece pertinente, já que possibilita, de maneira complementar, enriquecer os debates no universo comunicacional.

Assim, é notório que algo de importante sobra da perspectiva de análise: Mediação e Midiatização permitem retificar o papel dos meios e atentar para o entorno comunicativo formador do ecossistema comunicacional. Ecossistema que tem a circulação (as interações e os fluxos) como motor. Esse novo tipo de interação, essa nova arquitetura, reformula os objetos de estudo do comunicativo e evidencia que temos de continuar trabalhando na tripla fronteira comunicação, cultura e tecnologia (na zona de afetação configurada por elas), se quisermos dar conta de problematizar convenientemente o universo do comunicativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Escosteguy, A. C. D. (2001). *Cartografia dos estudos culturais:* uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Autêntica.

Fausto Neto, A. *et al*. (2008). *Midiatização e processos sociais na América Latina.* São Paulo: Paulus.

Fausto Neto, A. *et al*. (2010). *Midiatização e processos sociais:* aspectos metodológicos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Feyerabend, P. (1993). *Contra o método: edição revista.* Lisboa: Relógio D'Água.

Lopes, M. I. V. de; Boreli, S. H. S. & Resende, V. da R. (2002). Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus.

Maldonado, A. E. (1999). *Pesquisa teórica em comunicação na América Latina – estudo de três casos relevantes: Verón, Mattelart e Martín-Barbero.* São Paulo: ECA-USP.

Mata, M. C. da. (1999). *De la cultura masiva a la cultura mediática*. In: Diálogos de la comunicación. Lima: Felafacs, p.80-91.

Martín Barbero, J. (2009). *Dos meios às mediações – Comunicação, cultura e hegemonia.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Muniz Sodré, A. C. (1998). *Reinventando la cultura: la comunicación y sus productos.* Barcelona: Gedisa.

Muniz Sodré. A. C. (2002). *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.* Petrópolis: Vozes.

Silva, J. M. da. (2010). *O que pesquisar quer dizer: como pesquisar e escrever textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes.* Porto Alegre: Sulina.